

Estudo tipológico dos cossoiros do Museu da Sociedade Martins Sarmiento (Citânia de Briteiros, Castro de Sabroso e proveniência diversa)

Maria de Fátima Matos da Silva*

Paula Cristina Pereira de Oliveira**

Revista de Guimarães, Volume Especial, II, Guimarães, 1999, pp. 633-659

RESUMO:

Neste trabalho faz-se o estudo tipológico e sistemático de 221 cossoiros existentes no Museu da Sociedade Martins Sarmiento.

Foram encontrados nas antigas campanhas de escavação arqueológica efectuadas na Citânia de Briteiros (200) e no Castro de Sabroso (1), além de outros de proveniência diversa (20) existentes no referido Museu.

Esse estudo baseou-se na análise macroscópica, interna e externa, das peças e no desenho arqueológico das mesmas.

SOMMAIRE:

Ce travail s'insère dans un project ayant pour but l'étude typologique, le précédé de fabrication, la décoration, la matière-première, en un mot l'étude du rôle joué par les "cossoiros" dans l'économie dite "textile" et dans la société de plusieurs bourgs "castrejos" de la région d'Entre Douro et Minho situés au bord de la mer où bien à l'intérieur.

De l'étude fait des "cossoiros" provenant de la "Citânia" de Briteiros, du "Castro" de Sabroso et de plusieurs lieux, dans un total de 221 pièces, on a pu extraire quelques conclusions que voici dans ce travail.

SUMMARY:

* Arqueóloga do Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense Infante D. Henrique; Responsável pelo Gabinete de Arqueologia e Património da Câmara Municipal de Paredes de Coura; Bolseira do Programa PRAXIS XXI.

** Licenciada em Ciências Históricas.

The present work is part of a wider project studying the characteristics, manufacture, decoration and raw-material, studying, in short, the part played by the “cossoiros” in the so called “textile economy” and in the society of several villages (“castros”) located by the sea as well as in the interior part of the region called “Entre Douro e Minho”.

Through the study of the “cossoiros” coming from the hill fort of Briteiros in Guimarães, from the “Castro” of Sabroso and from other places, in a total of 221 pieces, it became possible to draw some conclusions that are now rendered public.

NOTA INTRODUTÓRIA

O estudo agora apresentado insere-se em projecto mais vasto, iniciado em 1988 pela primeira signatária, que tinha como objectivos fazer o estudo tipológico, do modo de fabrico, da decoração, da matéria-prima, do papel desempenhado pelos cossoiros na economia “têxtil” de vários povoados fortificados da Idade do Ferro, da zona de Entre Douro-e-Minho.

Ao alcançar-se esses objectivos pretendia-se estabelecer a sua evolução cronológica; estudar o seu modo de fabrico/temática decorativa e procurar as suas possíveis relações com o tipo de cossoiros; determinar as relações entre os tipos, o modo de fabrico e a temática decorativa de cossoiros provenientes de Castros Litorais e de Castros de Interior; analisar a matéria-prima (seixo, granito, xisto, argila, resina) e relacioná-la com o tipo de cossoiro e modo de elaboração escolhido e, em suma, estudar o cossoiro nas suas implicações económico-sociais, tentando-se um melhor conhecimento da economia e da sociedade das populações da Idade do Ferro.

Neste âmbito foram analisados sistematicamente os cossoiros provenientes dos povoados fortificados de Sanfins (Paços de Ferreira), Moldes (Castelo de Neiva) e Santo António (Aife) (SILVA 1989)¹.

¹ O estudo referente aos cossoiros da Citânia de Sanfins foi também apresentado nas 1-4 Jornadas de Estudos Municipais de Paços de Ferreira, em Outubro de 1989, sob o título “Estudo Tipológico dos Cossoiros da Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira)”, não tendo sido, infelizmente, publicados as Actas.

1 - AS FIBRAS, A FIAÇÃO E A TECELAGEM NA ANTIGUIDADE

A fiação e a tecelagem são indústrias caseiras muito antigas, a que os textos clássicos, gregos e latinos, aludem e que as escavações arqueológicas confirmam pelos seus achados. Estes vão desde pentes de cardar, fusos, até cossoiros, patelas, pesos de tear e agulhas.

As fibras vegetais usadas pelas fiandeiras seriam certamente o linho e a lã, cuja produção os rebanhos de gado ovino garantiriam.

Estrabão na “Geografia” refere a habilidade dos Iberos de *Emporion* (Ampurias) na tecelagem do linho (*Geografia*, III, 4, 9) que usavam em várias peças do vestuário -como as couraças para defenderem o tronco, em combate (III, 6), e que vemos representadas nas estátuas de guerreiros galaicos.

Por sua vez, Plínio (*História Natural*, XIX, 9 e 10) menciona o linho de Tarraco e o fabricado pelos *Zoelae* como sendo de grande qualidade.

A lã tinha também larga aplicação. Com os tecidos dessa matéria prima faziam o *sagum* (saio) e outras peças de vestuário.

Segundo Salette da Ponte (1978), em tempos romanos, após a tosquia e antes da fiação, a lã passava por cinco etapas de preparação: lavagem, secagem, batimento, limpeza e cardação. Tais etapas seriam eventualmente seguidas também na Idade do Ferro, certamente com menor especialização.

Depois de cardada, a lã era fiada, tal como o linho. Colocava-se a fibra em torno da roca em novelo (manelo ou estriga), donde se puxava uma mecha de fibras que a fiandeira torcia entre os dedos e enrolava à ponta do fuso, aliás como ainda hoje é prática corrente.

O fuso consistia numa haste alongada e pontiagudo num dos topos, onde se introduzia o pequeno volante -o cossoiro. O fuso era geralmente em madeira, embora existissem, em tempos romanos, em osso e bronze.

Para enrolar o fio existiam as patelas, encontradas, por exemplo, na Citânia de Sanfins.

Depois da fiação entra-se na etapa seguinte: a tecelagem. Também está amplamente testemunhada na Citânia de Briteiros através de vários pesos ou *pondera*

de tear aí encontrados tal como em outros povoados². Serviriam para manter em tensão os fios da urdidura do tear vertical de tipo romano.

Tarefas subsequentes seriam, em alguns casos, o tingimento dos tecidos com corantes vegetais, pois, no dizer de Estrabão (III, 4, 16), as raízes tintórias eram abundantes podendo ser também tingidas, a lã ou o linho, com um corante preparado com certos insectos parasitas do carvalho, *Quercus Coccifera* (ALARCÃO 1983,129).

Citando novamente Estrabão, ele refere que “andam todos vestidos de preto, e no geral com os sagos, com que dormem nos seus leitos de palha, só as mulheres teriam saias e vestidos com adornos florais” (III, 3, 7). No entanto, as vestes, que deviam ser de linho (representadas nas estátuas de guerreiros galaicos), ostentam decorações geométricas (curvilíneas e reticulados) que sugerem ornamentações nos tecidos.

A posterior confecção do vestuário é comprovada pelas várias agulhas encontradas³ feitas em material osteológico ou em metal (ferro ou bronze).

2 - OS COSSOIRO: GENERALIDADES⁴

Devido à sua perduração no tempo, sendo aplicados com a mesma função em várias regiões, os cossoiros não se podem considerar objecto de utilização específica de uma ou de outra época. Contudo, estão certamente relacionados com a técnica de fiação em fuso.

² São feitos em barro ou xisto, com a forma de uma pirâmide truncada, de base rectangular ou de um paralelepípedo, com 10 a 12cm de altura e com um ou dois furos na parte superior.

Conhecem-se pesos de tear em vários povoados castrejos. Refira-se, por exemplo, a Citânia de Sanfins, o Castro de Santo António (Museu do N.A.I.A.A.), o de Moldes, a Cidade de Âncora (SILVA 1986 -Museu Municipal de Viana do Castelo), a Citânia de Santa Luzia; o Monte Padrão (SANTARÉM, 1955), o Castro de Sampaio (Vilarça - JÚNIOR 1952) e o de Carvalhelhos (Museu Municipal de Chaves).

³ Temos conhecimento de agulhas de bronze em vários povoados como: no Castro de Moldes, na Citânia de Briteiros (Museu Martins Sarmento), no Castro de Sabroso (Museu Martins Sarmento), na Citânia de Santa Luzia (Museu Municipal de Viana do Castelo), a Cidade de Âncora (SILVA 1986), em Terroso, em Santa Tecla (TAMUXE 1983) e no Castro do Castelar, Picote (JÚNIOR 1975).

⁴ Para não criarmos mais subdivisões de texto, no início de cada assunto procederemos a uma abordagem genérica do tema, posteriormente à qual particularizamos dando enfoque aos dados referentes aos cossoiros da Citânia de Briteiros.

Os cossoiros, *verticili* ou fusaiolas, num sentido lato, são pequenos discos lisos ou decorados, de vários tipos ou formas, na sua maior parte feitos em argila, mas também em pedra, tendo uma perfuração central. Eram colocados na parte inferior do fuso, como remate e, assim, davam o equilíbrio necessário, servindo de volante, que mantinha e prolongava o movimento rotativo que a mão da fiandeira lhe imprimia.

Pela sua grande quantidade, pela variedade de formas, peso, dimensões e até de material - o que pode estar relacionado com o tipo de fibra a fiar mas, e sobretudo, com a finalidade para que eram feitos -, muitas propostas se lançaram em relação à sua utilidade.

Através dos tempos, além da sua primordial função -volantes de fuso- muitas hipóteses de aplicação se puseram. Havia os que diziam serem tentos, fichas ou marcas de jogo (*tésseras*), pesos de tear, pesos de rede, contas de colar, botões de vestuário (MARAÑON 1935, 436) ou até objectos de uso e significado simbólico ligados ao culto dos mortos (DÉCHELETTE 1914; 1924), uma vez que alguns deles apareceram “fazendo parte de espólios sepulcrais” (CARDOZO 1965, 1). Podemos aqui referir o cossoiro encontrado (a 1,60m de profundidade) no monumento onde apareceu o berrão do Picote (Castro do Castelar, freguesia do Picote, concelho de Miranda do Douro - JÚNIOR- 1975), que talvez possa ter uma função simbólica tal como uma agulha, em bronze, fracturada, também aí encontrada.

Acreditamos que alguns deles, devido ao seu reduzido tamanho (1,5cm e 1,8cm de diâmetro e 0,2cm de orifício, como alguns das Citânias de Briteiros e de Sanfins), incapazes de se adequarem ao fuso, teriam servido como botões para o vestuário.

3. A CITÂNIA DE BRITEIROS E OS MATERIAIS ESTUDADOS

A Citânia de Briteiros é uma das estações mais representativas da designada Cultura Castreja do Noroeste Peninsular, ocupando um local bem individualizado nas freguesias de S. Salvador de Briteiros e S. Bento de Donim, no lugar designado de Monte de S. Romão, distando 15Km a NNO de Guimarães, distrito de Braga.

Coordenadas geográficas (S.C.E., cartas militares 70 e 71, 1948 e 1977):

Long.: 0° 45'60" E. Lx.; Lat.: 41° 32'5" N.

Situa-se numa colina com uma extensa plataforma central, com declive acentuado, excepto do lado norte, tendo a sua cota máxima a 336 metros de altitude. Este esporão pertence ao maciço orográfico que separa os vales do Ave e do Cávado. Na base do monte corre o ribeiro de Agrela.

As escavações neste povoado, embora fosse conhecido desde meados do séc. XVI, iniciaram-se em Julho de 1875, pelo ilustre Francisco Martins Sarmiento e prolongaram-se até 1884. Após um interregno de 46 anos, recomeçaram em 1930 até 1968 sob várias direcções, tendo terminado com sondagens em que se valorizaram os estudos estratigráficos em 1977 e 1978.

Segundo Mário Cardozo “a Citânia é cortada por duas ruas principais (...) [com] uma largura variável oscilando entre 2 e 2,5m. Outras vias secundárias, ruelas mais estreitas ainda,(...) desembocando algumas em praçazinhas cuidadosamente pavimentadas, retalham o povoado em vários quarteirões” (CARDOZO 1980, 26).

Possui três cinturas de muralha, de traçado irregular. A norte, dada a maior dificuldade de defesa existe uma quarta linha. Em 1980 conhecia-se a existência de sete portas.

As estruturas habitacionais possuem plantas diversas (circulares, rectangulares ou elípticas), algumas delas com vestíbulo e “dão-nos uma ideia muito nítida de planta baixa” (idem, 30). Desenvolvem-se por dois pequenos outeiros e pelas encostas do monte.

Trata-se de um sítio arqueológico de grandes dimensões, possuindo na direcção N-S cerca de 250m de extensão e 150m no sentido E-W (*id.*, *ib.*).

Segundo a periodização de Armando Coelho, foi ocupada essencialmente na III Fase da Idade do Ferro, embora existam estratos atribuíveis à II Fase (SILVA 1986).

Das inúmeras campanhas de escavação levadas a cabo na Citânia resultaram além de importantes conhecimentos científicos, muito, variado e valioso espólio entre o qual os pelo menos 200 cossoiros (uma vez que muitos desapareceram) estudados neste trabalho. Todo este espólio encontra-se exposto (vitrina 5) ou guardado na arrecadação (gavetas 02 e 09) do Museu da Sociedade Martins Sarmiento, em

Guimarães, local onde foi por nós estudado em 1989 e 1990⁵, tendo sido elaborado o desenho arqueológico de 119 peças.

Infelizmente, trata-se de peças encontradas em escavações antigas que não possuem qualquer referência, seja ela de ordem estratigráfica, de localização, ou outro elemento que nos possa fornecer elementos arqueológicos que não sejam o valor da peça por si mesma. Apenas um cossoiro apresenta a indicação BRIT 77 (2) 02, pelo que deduzimos ser proveniente das escavações efectuadas em 1977. É de tipo discóide, elaborado do reaproveitamento de cerâmica tardia.

Alguns deles, sobretudo os que à data estavam expostos, possuem uma etiqueta com um código que não nos dá qualquer informação útil.

Este espólio não havia sido alvo de qualquer estudo sistemático, existindo apenas referências a alguns em artigos da *Revista de Guimarães* e tendo Mário Cardozo publicado a foto de alguns na obra de divulgação turística “Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso - notícia descritivas”, datada de 1980. Através dessas fotos e da consulta dos ficheiros existentes no Museu conseguimos apenas concluir do desaparecimento de diversas peças, nomeadamente cossoiros que possuíam marcas de oleiro, dos quais apenas resta um, de tipo bicónico de cones desiguais (Quadro C).

Sobre os cossoiros de Briteiros referiu-se, na mencionada obra, Mário Cardozo da seguinte forma: “os cossoiros ou fusaiolas (verticilli), existindo no museu mais de uma centena [são] objectos (...) comprovativos da prática da indústria caseira de fiação e da tecelagem, certamente do linho áspero e da lã churda com que os povos castrejos se cobriam, conjuntamente com as peles de animais e as fibras de certas plantas têxteis como o esparto” (1980, 46).

⁵ Apesar de termos feito o estudo pormenorizado em fichas individuais de todas as peças nos anos de 1989 e 1990 e de termos acordado com a Direcção da Sociedade Martins Sarmiento a publicação do estudo destes materiais, infelizmente e devido aos diversos trabalhos de investigação arqueológica, nunca passamos a texto as conclusões desse estudo. Aproveitamos a oportunidade da realização do Congresso de Proto-História Europeia para o fazer, correndo o risco de se nos escaparem diversos pormenores que o tempo apagou.

Aproveitamos para agradecer na pessoa do seu Director Dr. Joaquim dos Santos Simões, que nessa época havia assumido o cargo, a disponibilidade e amabilidade que sempre demonstrou.

3.1. - Os cossoiros

3.1.1. - Características externas

Passemos agora uma visão mais minuciosa destas peças de reduzidas dimensões, estudando as suas características externas.

Visto não existirem dois cossoiros verdadeiramente idênticos, algumas das classificações que adoptamos para as suas várias características são difíceis de objectivar.

O cossoiro pode-se dividir em três partes distintas: a superior, os lados ou paredes e, a inferior ou base. A primeira pode ser plana ou lisa, ou ter uma cavidade côncava ou cônica em torno do orifício. Pode também ser bulbosa ou convexa, com ou sem cavidade. Raras vezes apresenta uma moldura saliente em torno do orifício. Como podemos ver pelos quadros anexos, há uma prevalência dos cossoiros discóides pela parte superior lisa, em detrimento da cavidade, preferida pelos outros grupos. Esta parte superior é a mais escolhida para ser ornamentada.

As paredes, por vezes, são também decoradas e podem apresentar várias formas conforme o tipo de cossoiro: curva nos bulbosos, oblíqua nos troncocónicos e cónicos, vertical nos discóides, ou não existir verdadeiramente como nos bicónicos.

A base, geralmente é plana nos discóides, cónicos e troncocónicos, e convexa ou bulbosa no caso dos bicónicos e dos bulbosos. Poucas vezes apresenta cavidade em torno do orifício, assim como a decoração é muito rara.

O orifício⁶ pode apresentar também várias formas e posicionamentos. Pode estar em posição central, o que no geral acontece, ou descentrada. É maioritariamente circular, poucas vezes oval (um caso em Briteiros) e só conhecemos uma quadrangular, em um cossoiro de Sanfins. Em relação à forma como se dispõe atravessando o cossoiro, pode ser: regular, caso tenha paredes verticais, o mais frequente; crescente ou cónico, quando é menor na parte superior e cresce para a base; decrescente quando se dá o caso inverso, diminui da parte superior até à base, ou ainda, ambicrescente ou bicónico se diminui até ao centro da espessura do cossoiro e alarga para a base. Esta

⁶ Existem cossoiros que nunca chegaram a ser perfurados, não possuindo essa função.

forma só aparece nos discóides, sendo muito rara. No caso da Citânia de Briteiros não ocorreu nenhum crescente, nem ambicrescente.

Em relação à técnica de fabrico esta também diverge e é de difícil classificação, dado que nem sempre é possível determinar com exactidão de que maneira foi feita a peça.

Os cossoiros feitos à mão são mais raros na Citânia de Briteiros, tal como na de Sanfins, em relação aos feitos em molde, fruto de um desenvolvimento técnico e de maior especialização no fabrico da cerâmica. Este fabrico em molde domina nos cossoiros de tipo mais elaborado, no caso os bicónicos, os cónicos e os troncocónicos. Os discóides e bulbosos são, regra geral, de fabrico manual.

O reaproveitamento de desperdícios de cerâmica variada, geralmente restos de dólio e nos mais tardios de ânfora ou outros tipos -todos, evidentemente, feitos à roda-, é bastante frequente como se pode ver pela sua grande quantidade (existem 33 exemplares - Quadro 1). Evidentemente só podem ser do tipo discóide.

A decoração aparece-nos em trinta e dois cossoiros (41 em Sanfins), sobretudo nos bicónicos (17 exemplares), predominando a técnica da incisão e da estampagem. Os motivos ornamentais mais frequentes são a decoração geométrica de linhas ou sulcos rectilíneos, cruzados ou em espinha, e a curvilínea, sobretudo os círculos. O pontilhado é também frequente.

Esta constância no fabrico, como vimos, e na decoração destas peças, em concordância com a cerâmica em geral da Citânia, mostra uma forte organização dos sistema produtivo.

Em termos de conservação do espólio é bastante boa pois, desta amostra tão volumosa raros são fragmentos. As superfícies, por vezes, estão erodionadas, fruto da exposição através dos tempos à intempérie e dos diversos fenómenos pós-deposicionais.

3.1.1.1 - Os tipos

Inserindo-se nas características externas dos cossoiros é de primordial importância o tipo ou forma de que se revestem estas peças (s.v. Quadro Tipológico).

Apesar de apresentarem formatos muito diversos, difíceis de inserir em um ou outro tipo, conseguimos estabelecer cinco formas, na esteira de Manuel Vidal y Lopes para os do povoado do Cerro de S. Miguel de Liria (VIDAL Y LOPEZ 1952) e Salete da Ponte para os de Conimbriga (PONTE 1978), a que introduzimos algumas variáveis. Criamos, ainda, um sub-tipo -o Tipo Briteiros- que possui características de tal forma diversas enquadrando-se em diversos tipos, não se podendo caracterizar como um formato distinto.

A. Bulbosos

Designamos por bulbosos os cossoiros cujo formato é bem arredondado por todo ele. No entanto, cabem aqui duas divisões: os achatados (em número de 19) e os esféricos (14 exemplares).

Os primeiros parecem ter sido prensados depois de adquirirem a forma de esferas que possuem os segundos, daí a sua forma e a sua designação. Nos achatados convém realçar o facto de alguns poucos (só encontramos dois na Citânia de Briteiros) apresentarem paredes relativamente verticais, perdendo, pois, a curvatura habitual.

Em relação aos outros tipos, excepto os discóides, apresentam uma predominância pelo fabrico manual (32 exemplares), talvez devido à maior facilidade de fabrico desta forma (Quadro 1) e um duvidoso.

As suas dimensões são variáveis. Os achatados variam entre 3,6cm de diâmetro e 2,1cm de altura e, como mínimo, temos 1,5cm x 1,1cm. Os esféricos apresentam dimensões muito semelhantes no diâmetro e na altura, por exemplo 2,6 x 2,1cm. Os orifícios variam entre 0,3cm e 0,5cm de diâmetro.

A decoração ocorreu em oito peças deste tipo. Limita-se a linhas incisas e estampagem de círculos. Uma das peças mais interessantes é um cossoiro bulboso esférico com uma decoração plástica formada por seis gomos.

Neste grupo existe um exemplar em pedra (Quadro 2 e 2A), em xisto de cor acastanhada, de formato bulboso achatado, que segue as mesmas características de forma dos de cerâmica. Possui grandes dimensões.

B. Discóides

É sem dúvida o tipo mais frequente, neste povoado como em outros, obviamente pela maior facilidade de execução e, também por isso maioritariamente feito à mão, quer com peças originais, quer com o aproveitamento de fragmentos de cerâmica.

Assumem a forma de discos altos ou baixos, de paredes verticais ou arredondadas, mais ou menos irregulares (s.v. Quadro Tipológico) e de dimensões também muito variáveis que vão desde o máximo de 5,3cm de diâmetro a 1,8cm no mínimo e, espessura entre os 2cm e os 0,4cm. Os cossoiros deste tipo são os que atingem maiores dimensões. Os orifícios variam entre 0,1 e 0,7cm.

Embora não havendo distinção acentuada na forma, entre os cossoiros discóides originais⁷ (em número de 22) e os feitos de desperdícios de cerâmica (em avultado número, 33), fizemos uma divisão que se reflecte nos quadros descritivos (Quadros 1A e 1B), uma vez que as características dos “reaproveitados” são as do objecto de cerâmica que teve um outro uso.

No geral foram elaborados a partir de desperdícios de dolio, os mais tardios de ânfora, raras vezes de cerâmicas finas, assim como o aproveitamento de fragmentos decorados também é raro, não existindo nesta Citânia. Apresentam-se habitualmente com maiores dimensões que os outros (Quadro D).

Este tipo que pelo seu formato seria mais fácil de decorar em relação aos outros, é raramente ornamentado, talvez porque a sua forma não é tão vistosa. Quando o é apresenta também motivos simples: as linhas incisas (um) e os círculos, por vezes combinando-se, formando também decorações geométricas (um).

Ao contrário do habitual, existem oito peças feitas em molde, evidentemente de fabrico mais elaborado que as manuais. Além de um de fabrico manual, incluem-se aqui quatro da variante que designamos de “Tipo Briteiros” (elaborados à mão e em molde).

C. Cónicos

⁷ Aqueles que foram fabricados pelo oleiro com intenção de serem volantes de fuso desde o início.

Apresentam a forma de um cone, mais ou menos alongado, sendo em número de dez. Trata-se de um tipo muito pouco vulgar, pelo que apenas conhecemos outros 15 na Citânia de Sanfins.

Podem ter a base bulbosa e não plana como é habitual, assemelhando-se assim aos bicónicos de cones desiguais, a que damos a designação de cónicos de transição para bicónicos (quatro).

Este formato apresenta, por vezes, formas muito diversas.

São maioritariamente feitos em molde.

As suas dimensões variam entre 3,8cm e 2cm de diâmetro e 1 e 2,4cm de espessura. Quase todos têm entre 2,5 e 3cm de diâmetro e 1,5cm de espessura. Os orifícios, o diâmetro habitual, entre 0,3 e 0,5cm.

A decoração aparece apenas em dois exemplares. Trata-se de um adorno muito simples que utilizou a técnica da incisão, com motivos geométricos.

D. Bicónicos

Estes cossoiros têm a forma de dois troncos de cone que se unem pela base, aparecendo neste povoado num total de 92. Podem ser distribuídos por três grupos: os bicónicos de cones iguais (trinta e um), os de cones desiguais (trinta) e, por último, os de cones de transição para bulboso (onze), existindo ainda quatro bicónicos cujo formato nos permite englobarmos no “tipo Briteiros”. Os primeiros possuem cones semelhantes; nos segundos, um é maior que o outro e no terceiro caso, as paredes tornam-se arredondadas de modo a assemelharem-se a bulbosos.

Este tipo apresenta diâmetros desde 1,8cm aos 4,2cm e espessuras entre 1 e 2cm, nunca podendo ser muito finos devido ao seu formato. Regra geral possuem de diâmetro, como outros tipos, entre 2,4 e 3,7cm, de espessura entre 1 e 1,9cm, e orifícios entre 0,3 e 0,8cm.

São geralmente feitos em molde devido à maior complexidade da sua forma, e assim, mais aperfeiçoados, quer pelo uso de matéria-prima de pasta e textura mais fina, mais depurada, quer pelo seu acabamento e sobretudo decoração.

É efectivamente neste tipo e suas variantes que encontramos as decorações mais elaboradas e profusas. Os motivos mais empregues são: a linha incisa

em círculos impressos ordenada ou desordenadamente, em “caracóis” ou em meios círculos formando flor em torno do orifício central, ou, ainda, círculos inscritos. A decoração mais elaborada consiste na impressão de SSS.

Ocorrem também grafitos ou marcas de oleiro que colocadas na parte superior se podem considerar como que um ornamento.

E. Troncocónicos

Este último tipo é o que apresenta o menor número de exemplares, apenas dois.

Este formato é também muito raro, encontrando-se nesta Citânia e na de Sanfins (dez).

É por designação um tronco de cone, de paredes mais ou menos altas e mais ou menos oblíquas, sendo fabricados em molde, como é habitual nas formas mais elaboradas (Quadro A).

As dimensões oscilam entre 2,5 e 2,8cm de diâmetro e 1,5cm de espessura. O orifício tem as medidas habituais.

A decoração é inexistente.

F. “Tipo Briteiros”

A designação que demos a este sub-tipo deriva do facto de serem cossoiros com características diferentes dos demais (que temos estudado) e, assim, típicas deste povoado. Não temos conhecimento da existência desta forma em qualquer outro povoado fortificado da Idade do Ferro.

Esta variante ocorre nos tipos discóide, bicónico de cones desiguais e nos bicónicos de cones de transição a bulboso. Todos eles são de fabrico em molde, excepto o discóide já referido.

Trata-se de uma forma que possui sempre uma larga concavidade superior (em torno do orifício), pouco profunda, aparentemente feita por pressão na pasta fresca. Essa pressão exercida na parte superior provocava o achatamento, pelo que a parte inferior é menos bulbosa.

Alguns deles assemelham-se a pequenas taças, sendo sempre elaborados com uma pasta muito depurada, pelo que nos parecem ser tardios, com grande influência romana.

De facto, apesar de não possuímos dados estratigráficos para confirmar a hipótese de que estes cossoiros são de cronologia tardia, esta parece plausível. São fruto de uma especialização da actividade da fiação, em que foi necessário aperfeiçoar um modelo mais preciso para as funções deste objecto. Terá sido, também, necessário descobrir um utensílio que fizesse de um só vez e de forma perfeita a concavidade em torno do orifício; e, igualmente, aperfeiçoar o arredondamento das paredes após a moldagem. De facto, a forma mais arredondada facilitava o movimento giratório, quiçá aumentando a capacidade rotativa do fuso.

3.2. - Características internas

As características internas dos cossoiros advêm-lhes do tipo de matéria-prima, a argila utilizada na sua feitura.

A olaria era uma das principais actividades artesanais da Citânia de Briteiros, assim como dos outros povoados em geral, também aqui confirmada pela enorme quantidade de cossoiros feitos em argila ou barro (199) e só um em pedra, no caso, xisto como vimos.

Uma análise macroscópica e como tal pouco objectiva, leva-nos a concluir que os cossoiros de barro, ao contrário dos que os que estudámos em Sanfins, usam pastas, no geral, depuradas, apesar de micáceas, de textura compacta e homogénea. As pastas finas e depuradas são habitualmente empregues nos exemplares mais elaborados quer no tipo, como na decoração, bem alisados ou até polidos, parecendo mais objectos de adorno, em alguns casos, quiçá botões.

As pastas utilizam na totalidade dos casos a mica como desengordurante, poucos a areia, que aparece conjuntamente com o quartzo. Conjugam os vários tipos de calibre (fino, médio e grosso) conforme são mais ou menos depuradas (Quadro IA).

Existem trinta e três exemplares feitos de desperdícios de cerâmica tardia, pelo que apresentam uma boa qualidade da pasta, como seria de esperar.

As superfícies aliam as rugosas ou deficientemente alisadas com as alisadas, não concordando com o facto de serem maioritariamente pastas depuradas. As superfícies polidas são muito raras (2) tal como a utilização do engobe (3).

As boas cozeduras aparecem em maioria, sendo a coloração⁸ predominantemente de tons acastanhados, em detrimento dos acinzentados e alaranjados, fruto da natureza das argilas e das técnicas de cozedura que reflectem uma atmosfera redutora. Geralmente os tons são homogéneos.

4. OUTROS LOCAIS DE ACHAMENTO

Os cossoiros depositados no Museu da Sociedade Martins Sarmiento em número de vinte e um, provenientes de diversas estações arqueológicas, pela escassez da amostra, normalidade de fabrico e falta de informação típica de achados avulso, não nos permitem grandes considerações, nem conclusões a não ser a análise pormenorizada de cada um, feita nos quadros 2, 2A e 2B, em anexo.

A matéria prima empregue para elaboração destes cossoiros é a cerâmica (14 exemplares) e o xisto ou granito (6), existindo, ainda, um, eventualmente, de pasta vítrea.

Foram estudados cossoiros que, segundo as referências que possuem, são provenientes dos seguintes locais: um do Castro de Sabroso -encontrado em 29/9/1877; três de S. Paio de Vizela; um do lugar do Penedo da Cabeça, S. Torcato, Guimarães; dois do Castro da Sra. do Pilar, Póvoa de Lanhoso; um do Castro (?) de Monte Vermelho, S. João de Rei, Póvoa de Lanhoso; um do lugar de Sobrado, Pombeiro de Ribavizela, Felgueiras; um do Campo da Poldraria de Cima, na Quinta do Sobrado, Pombeiro, Felgueiras; um do Castro (?) de Monte Pombeiro, Pombeiro de Ribavizela, Felgueiras; dois do Castro de Sendim, Felgueiras; um do Castro da Retorta, Vila do Conde; dois da Cidade de Âncora, Caminha e quatro de Campos da Raposeira, Mangualde.

⁸ Os tons oscilam entre os castanhos e os cinzentos claros ou escuros, ou ainda os castanhos alaranjados homogéneos ou *não*.

Apresentamos o desenho do único cossoiro que existe no Museu proveniente do Castro de Sabroso e as suas características nos referidos quadros, assim como do cossoiro de xisto da Citânia de Briteiros.

5. NOTAS FINAIS

Parece-nos despropositado, pelas razões apontadas, apresentarmos amplas conclusões, mas apenas algumas ilações decorrentes de uma análise pormenorizada dos cossoiros estudados e oriundos da Citânia de Briteiros.

A variedade de formas é tanto maior, quanto maior desenvolvimento atingiu o povoado, tal como a sua decoração é mais ou menos abundante e mais ou menos variada temática e tecnicamente. Assim, na Citânia de Briteiros temos cinco tipos e suas variantes.

Dentro da variedade de formas, o tipo bicónico e suas variantes era o formato predilecto para fabrico dos oleiros (s.v. Gráfico 2), seguido do discóide que privilegiava os desperdícios de cerâmica. Preferiam estes, também, o fabrico em molde para os tipos mais elaborados (cónicos, bicónicos e troncocónicos), em detrimento do manual para os mais simples (discóides e buibosos).

O domínio do fabrico em molde na Citânia de Briteiros (s.v. Gráfico 3) está de acordo com a olaria em geral, pois nesta Citânia quase não existe cerâmica manufacturada, mas sim feita à roda (SILVA 1997).

A preferência pelo tipo mais elaborado, o fabrico em molde e a criação de uma forma inédita -o “tipo Briteiros”, denota um gosto pela perfeição bem como, a especialização técnica dos oleiros de Briteiros e, evidentemente, o facto de estarmos na presença de um povoado economicamente próspero.

Os Castros de menores dimensões preferiam os cossoiros discóides e bulbosos, sem decoração e feitos à mão (Castro de Santo António, Afife), o mesmo se aplica para os povoados de cronologia mais antiga (Cividade de Cossourado, Paredes de Coura).

Eventualmente terá existido uma evolução cronológica em que se passou de uma técnica de fabrico para outra. Parece-nos que o fabrico manual e, talvez, o uso de restos de cerâmica, precedeu o fabrico em molde, coexistindo posteriormente. As

escavações recentes que temos levado a cabo em povoados do Alto Minho, como o referido, levam-nos a concluir que os cossoiros de pedra precederam os de cerâmica, assim como os de fabrico manual precederam os elaborados em molde, que aí não existem.

Os tipos mais simples eram maioritariamente manufacturados, podendo ser elaborados por qualquer pessoa, assim como os feitos de desperdícios de cerâmica. De facto, o aproveitamento de desperdícios de cerâmica, maneira mais rápida de elaborar os cossoiros, dever-se-à talvez a uma carência de tempo por parte dos oleiros, na medida em que a olaria era actividade exercida pelos homens, que primordialmente desempenhavam tarefas fora do povoado, as quais não se coadunavam com a morosidade desta função.

Outra hipótese a ser considerada é a deste tipo de fabrico ser mais utilizado em fase tardia, já de desagregação dos povoados ou, pelo menos, é intensificado nesta época.

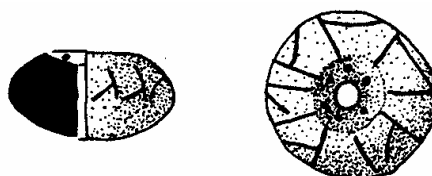
A decoração existente em algumas peças (trinta e dois cossoiros), ou seja, 16% são decorados, incidindo nos cossoiros bicónicos, sendo os temas decorativos geométricos dominantes, em especial os círculos, predominando a técnica da incisão.

Cronologicamente os cossoiros da Citânia de Sanfins devem enquadrar-se, pois, na Fase III de A. Coelho (SILVA 1986).

A abundância destas peças na Citânia de Briteiros⁹ leva-nos a admitir que aí a fiação e consequentemente a tecelagem estavam bastante desenvolvidas e ocupavam uma posição de relevo na economia local, tal como em Sanfins.










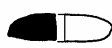























⁹ Apesar de em Briteiros haver uma grande abundância de cossoiros, se compararmos as proporções deste povoado, a sua importância na e para a região e a sua área escavada com as de outros Castros com parcas zonas escavadas, como o caso de Moldes e no de Santo António esse não é tão significativo como parece à primeira vista.

A produção dentro do núcleo familiar, de carácter feminino, devia satisfazer as necessidades familiares do povoado e abastecer um pequeno comércio regional com os seus excedentes. Outra ilação óbvia, como causa e consequência deste desenvolvimento da actividade têxtil é a clara existência de abundante criação de gado ovino, que forneceria a lã entre outros produtos de grande importância económica, e haveria também, provavelmente, um cultivo de linho com certo desenvolvimento.

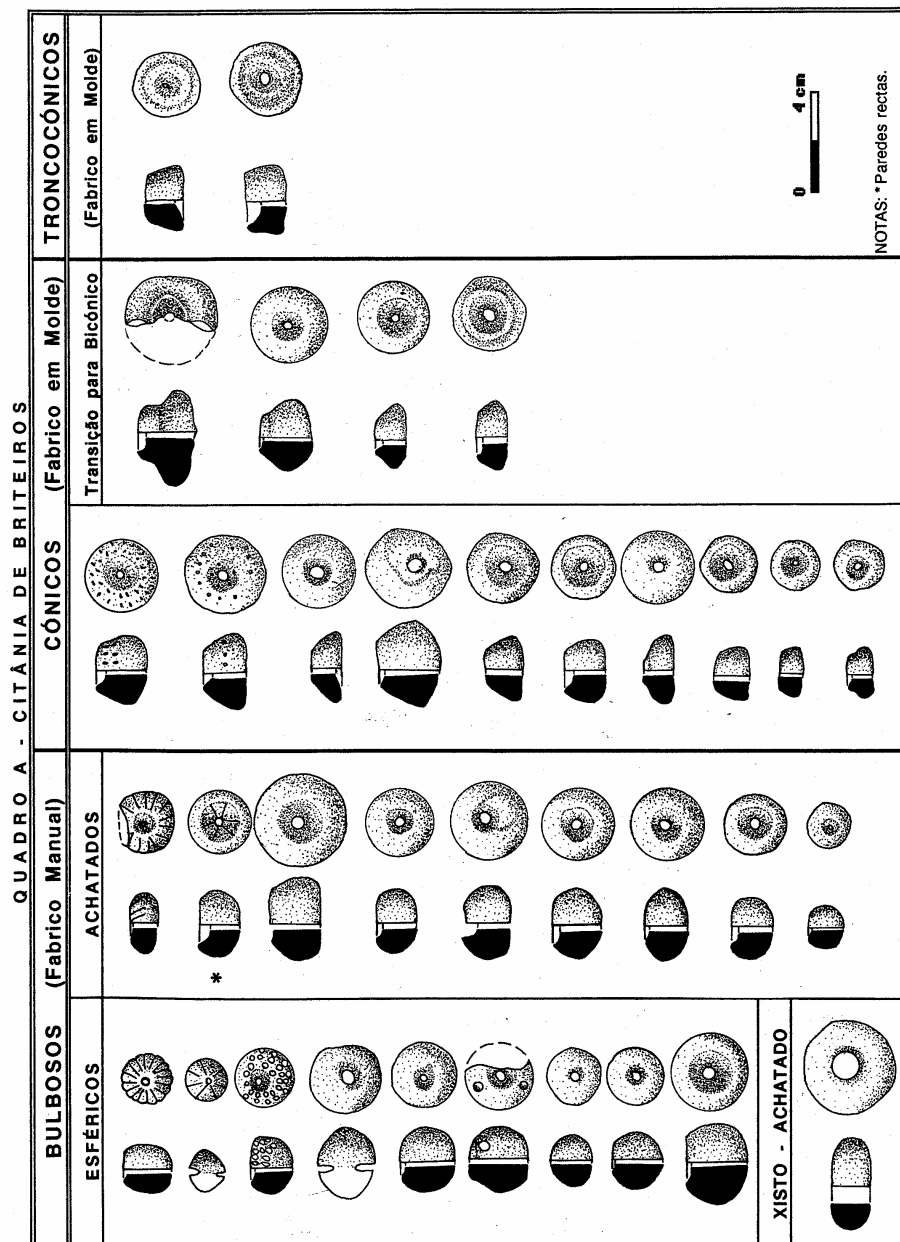


Cossoiro decorado, de tipo bicónico de cones de transição a bulboso.
Proveniente do Castro de Sabroso (29/9/1877).

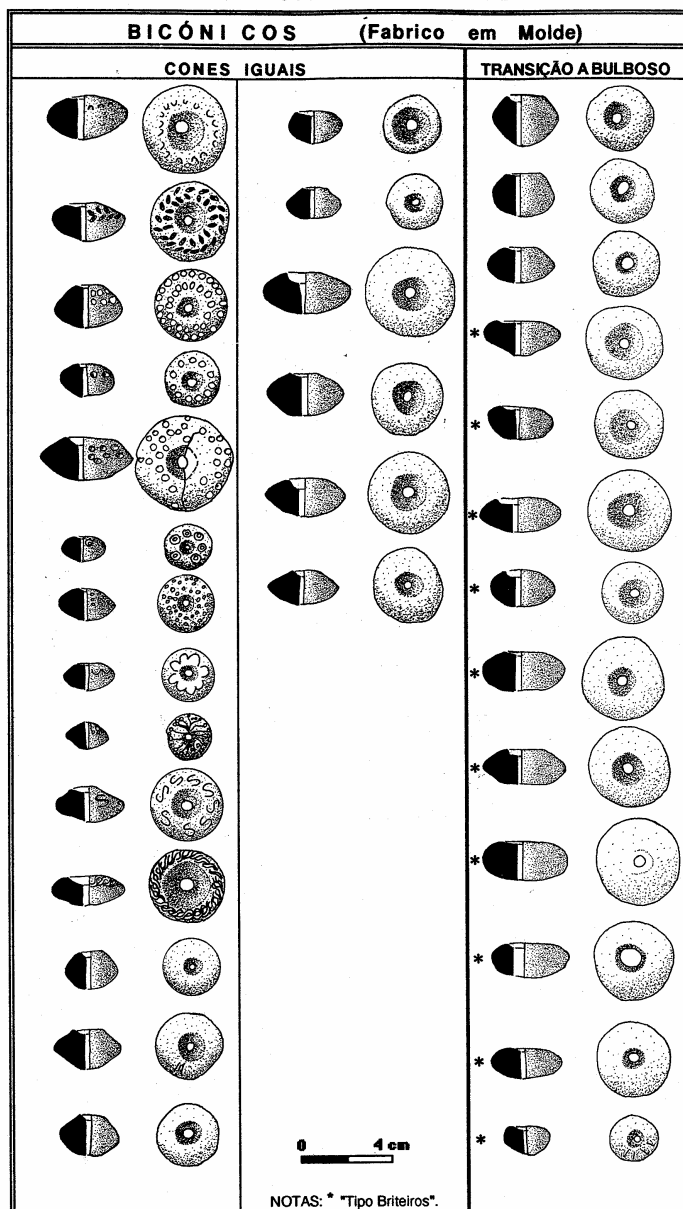
QUADRO TIPOLOGICO

BULBOSOS	ACHATADOS					
	ESFÉRICOS					
DISCÓIDES						
CÓNICOS	CÓNICOS					
	TRANSIÇÃO PARA BICÓNICO					
BICÓNICOS	CONES IGUAIS					
	CONES DESIGUAIS					
	CONES DE TRANSIÇÃO PARA BULBOSO					
TRONCOCÓNICO						
TIPO BRITEIROS						

* Bulboso achatado de paredes semi-verticais.



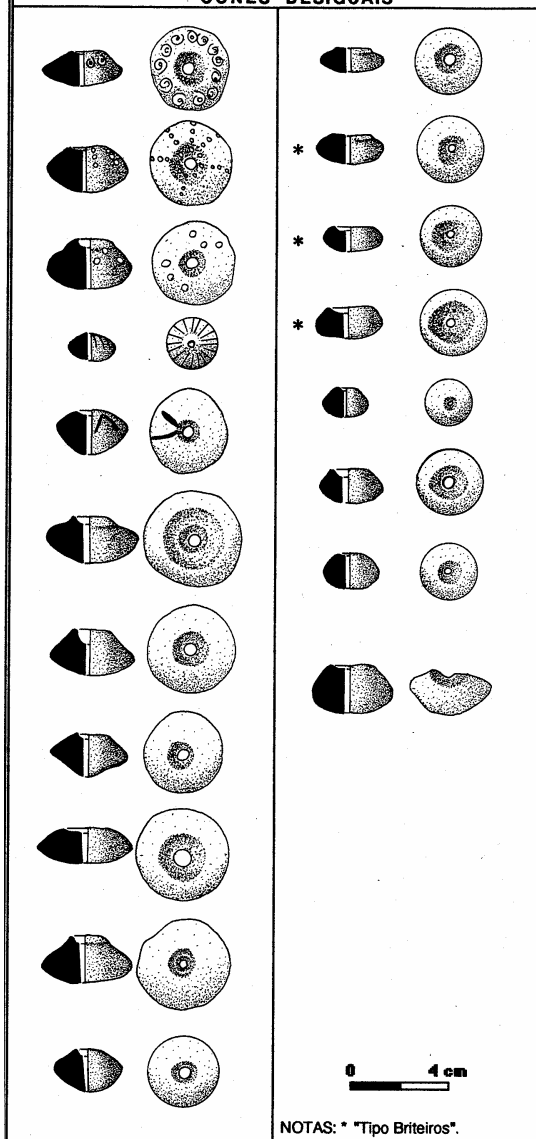
QUADRO B - CITÂNIA DE BRITEIROS








































QUADRO C - CITANIA DE BRITEIROS

BICÓNICOS (Fabrico em Molde)

CONES DESIGUAIS



MANUAL	MOLDE	REAPROVEITAMENTO
		
		
c) 		
c) 		
c) 	a) 	
b) 	a) 	
a) 	a) 	
c) 	a) 	
c) 		
c) 		
c) 		
c) 		
		
		NOTAS: a) "Tipo Briteiros", b) Paredes arredondadas, c) Paredes rectas.

QUADRO 1 - CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS COSSOIROIS DA CITÂNIA DE BRITEIROS

PARTE SUPERIOR				BASE		ORIFÍCIO						TÉCNICA DE FABRICO				
Plana	Cavidade côncava	Modura saliente	Bulbosa	Plana	Cavidade côncava	Bulbosa	Centrado	Descentrado	Circular	Regular	Crescente	Decrescente	Ambicrescente	Manual	Molde	Reaproveitamento
BULBOSOS E ACHATADOS (1)	-	15	-	33	-	-	33	32	1	33	31	-	2	-	32	-
DISCÓIDES ORIGINAIS (2) (manual e molde)	29	16	1	-	33	2	-	32	1	1 oval 32	33	-	-	-	22	8
DISCÓIDES DE REUTILIZAÇÃO	33	-	-	-	33	-	-	33	-	33	33	-	-	-	3?	-
CÔNICOS	3	7	-	-	7	2	1	9	1	10	8	-	2	-	-	10
CÔNICOS DE TRANSIÇÃO A BICÔNICOS	-	4	-	-	3	-	1	4	-	4	4	-	-	-	-	4
BICÔNICOS DE CONES IGUAIS	-	23	-	31	-	-	31	31	-	31	25	-	6	-	-	30
BICÔNICOS DE CONES DESIGUAIS (3)	-	23	1	30	-	-	30	30	-	30	24	-	6	-	-	1?
BICÔNICOS DE CONES DE TRANSIÇÃO A BULBOSO	-	9	-	11	-	-	11	10	1	11	11	-	-	-	-	30
BICÔNICOS "Tipo Britelios" (4)	-	10	-	10	-	-	10	9	1	10	9	-	1	-	1?	9
TRONCOCÔNICOS	1	1	-	-	1	1	-	2	-	2	2	-	-	-	-	2
TOTALS	66	106	2	112	77	5	117	102	5	1 oval 196	130	-	17	-	54 5?	105 1?

QUADRO 1 A - CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS COSSOIROIS DA CITÂNIA DE BRITEIROS

	PASTA			TEXTURA			DESEN GORDURANTE				ACABAMENTO				COZEDURA		
	Depurada	Pouco depurada	Compacta	Friável	Homo-genea	Não homo-genea	Mica	Quartzo	Areia	Alisada	Póida	Rugosa/Deficiente alisada	Corroída	Engobada	Boa	Razoável	Má
BULBOSOS ESFÉRICOS E ACHATADOS (1)	24	9	31	2	33	-	33	2	3	18	-	14	1	-	32	1	-
DISCOIDES ORIGINAIS (2)	25	8	33	-	33	-	33	1	1	15	-	17	1	-	33	-	-
DISCOIDES DE REUTILIZAÇÃO (manual e molde)	17	16	33	-	33	-	33	-	2	3	-	30	-	-	33	-	-
CÔNICOS	8	2	10	-	10	-	10	1	-	9	-	1	-	1	10	-	-
CÔNICOS DE TRANSIÇÃO A BICÔNICOS	4	-	4	-	4	-	4	-	-	4	-	-	-	-	4	-	-
BICÔNICOS DE CONES IGUAIS	23	8	30	1	31	-	31	4	2	16	-	13	2	-	29	2	-
BICÔNICOS DE CONES DESIGUAIS (3)	25	5	30	-	30	-	30	2	-	20	2	8	-	2	30	-	-
BICÔNICOS DE CONES DE TRANSIÇÃO A BULBOSO	7	4	11	-	11	-	11	1	1	3	-	8	-	-	11	-	-
BICÔNICOS "Tipo Briteiros" (4)	10	-	10	-	10	-	10	-	-	10	-	-	-	-	10	-	-
TRONCOCÔNICOS	2	-	2	-	2	-	2	-	-	1	-	1	-	-	2	-	-
TOTALS	145	52	194	3	197	-	197	11	9	99	2	92	4	3	194	3	-

QUADRO 1 B - CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS COSSOIOS DA CITÂNIA DE BRIEIROIS

	COZEDURA-Tipo		COR				DECORAÇÃO		CONSERVAÇÃO		TIPOS	
	Redutora	Oxidante	Acasta- nhado	Acinzen- tado	Alaranjado	Homo- gênea	Não homo- gênea		Boa	Razoável	Ma/ Fragmento	
BULBOSOS E ACHATADOS (1)	33	-	32	1	-	32	1	8	26	6	1	14
DISCÓIDES ORIGINAIS (2)	32	1	30	2	1	32	1	4	31	2	-	19
DISCÓIDES DE REUTILIZAÇÃO	32	1	32	-	1	33	-	-	30	-	3	33
CÔNICOS	10	-	8	2	-	10	-	3	10	-	-	10
CÔNICOS DE TRANSIÇÃO A BICÔNICOS	3	1	1	2	1	4	-	-	3	-	1	4
BICÔNICOS DE CONES IGUAIS	30	1	28	2	1	28	3	11	27	4	-	31
BICÔNICOS DE CONES DESIGUAIS (3)	29	1	25	4	1	29	1	6	26	3	1	30
BICÔNICOS DE CONES DE TRANSIÇÃO A BULBOSO	10	1	10	-	1	11	-	-	9	2	-	21
BICÔNICOS "Tipo Briteiros" (4)	10	-	10	-	-	10	-	-	8	2	-	10
TRONCOCÔNICOS	2	-	1	1	-	1	-	-	2	-	-	2
TOTAIS	191	6	177	14	6	191	6	32	172	19	6	197

NOTAS:

- (1) Nos cossiois bulbosos achatados estão incluídos dois de paredes sensivelmente verticais.
- (2) Nos cossiois discóides originais estão incluídos alguns de "tipo Briteiros", de tendência discóide, que possuem, por vezes, a base arredondada e uma melhor qualidade de fabrico. Alguns possuem paredes arredondadas.
- (3) Neste tipo estão incluídos três cossiois de "tipo Briteiros", de tendência para o tipo bicónico de cones desiguais.
- (4) Neste tipo estão incluídos dez cossiois de "tipo Briteiros", de tendência para o tipo bicónico de transição para bulboso.



QUADRO 2 - CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS COSSOIROIS DE PROVENIÊNCIA DIVERSA

PROVENIÊNCIA	TIPO	MATÉRIA PRIMA	PARTE S. SUPERIOR		BASE		ORIFÍCIO				TÉCNICA DE FABRICO		
			Plana	Cavidade côncava	Bulbosa	Plana	Bulbosa	Centrado	Circular	Regular	Crescente	Manual	Molde
Castro de Sabroso	Bicónico de cones de transição a bulboso	Cerâmica	—	X	X	—	X	X	X	—	X	—	—
	Bulboso	Cerâmica	—	X	X	—	X	X	X	X	—	—	—
	Bulboso achatado	Cerâmica	—		X	—	X	X	X	—	X	—	—
	Bicónico de cones desiguais	Cerâmica	—	X	X	—	X	X	X	—	—	X	—
Penedo da Cabeça	Discóide	Granito de grão fino	—	—	X	X	—	X	X	—	X	—	—
	Discóide	Xisto	X	—	—	X	—	X	X	(1)	X	—	—
	Bicónico de cones iguais	Xisto	—	—	X	—	X	X	X	—	X	—	—
	Discóide	Cerâmica	X	—	—	X	—	X	X	—	X	—	—
Mte. Vermelho - S. João de Rei - Póvoa de Lanhoso	Bulboso achatado	Pasta vítrea (?)	—	—	X	—	X	X	X	—	X	—	—
	Discóide	Xisto	X	—	—	X	—	X	X	—	X	—	—
	Discóide	Xisto	X	—	—	X	—	X	X	—	X	—	—
	Bicónico de cones desiguais	Cerâmica	—	X	X	—	X	X	X	—	—	X	—
Castro de Sendim Felgueiras	Discóide	Cerâmica	X	X	—	X	—	X	X	—	X	—	—
	Discóide	Cerâmica	2	—	—	2	—	2	2	1	2	—	—
	2 Discóides	Cerâmica	2	—	—	2	—	2	2	1	2	—	—
	2 Discóides	Cerâmica	2	—	—	2	—	2	2	—	1	—	1
Castro da Retorta Vila do Conde	3 Discóides	Cerâmica	3	—	1	3	1	4	4	—	2	2	—
	1 Bulboso achatado	Xisto	—	—	X	—	X	X	X	—	X	—	—
	12	5	10	13	9	22	22	19	2	17	4	1	

(1) O orifício não foi acabado, não atravessando a peça.

QUADRO 2 A - CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS COSSOIROIS DE PROVENIÊNCIA DIVERSA

PROVENIÊNCIA	MATERIA PRIMA	COR			DECORAÇÃO		CONSERVAÇÃO		
		Acastanhado	Amarelado	Homonogenea	Geométrica	Geométrica	Boa	Razoável	Má / Fragmento
Castro de Sabroso	Cerâmica	X	—	—	—	—	X	—	—
S. Paio de Vizela	Cerâmica	X	—	X	—	—	X	—	—
S. Paio de Vizela	Cerâmica	X	—	X	—	—	X	—	—
Pencho de Cabeça	Granito de grão fino	—	X	X	—	—	X	—	—
S. Torcato - Guimarães	Xisto	X	—	X	—	—	—	X	—
Castro de Lanhoso	Xisto	Negro	—	X	—	—	—	—	—
Mie. Vermelho - S. João de Rei-Póvoa de Lanhoso	Cerâmica	X	—	X	—	—	X	—	—
Pombal - Sobrado	Pasta vítrea (?)	X	—	X	—	—	X	—	—
Castro de Lanhoso	Xisto	—	X	X	—	—	X	—	—
Mie. Pombal - Felgueiras	Xisto	—	X	X	—	—	X	—	—
Castro de Sendim Felgueiras	Cerâmica	—	X	X	—	—	X	—	—
Castro de Sendim Felgueiras	Cerâmica	X	—	—	—	—	X	—	—
Castro da Retorta	Cerâmica	2	—	2	—	—	2	—	—
Vila do Conde	Cerâmica	—	2	2	—	—	—	2	—
Cidade de Ancora	Cerâmica	4	—	4	—	—	4	—	—
Castro da Raposeira	Cerâmica	—	X	X	—	—	X	—	—
Mangualde	Xisto	14 + 1	7	13	—	—	13	4	0

QUADRO 2 B - CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS COSSOIROIS CERÁMICOS DE PROVENIÊNCIA DIVERSA

PROVENIÊNCIA	PASTA		TEXTURA		DESENGOR-DURANTE	SUPERFÍCIE		COZEDURA	
	Depurada	Pouco depurada	Compacta	Homonogenea		Alisada	Rugosa/Deficiente alisada	Redutora	Boa
Castro de Sabroso	—	X	X	X	X	—	X	X	X
S. Paio de Vizela	X	—	X	X	X	—	X	X	—
S. Paio de Vizela	X	—	X	X	X	—	X	X	—
S. Paio de Vizela	X	X	X	X	X	—	X	X	—
Mie. Vermelho - S. João de Rei-Póvoa de Lanhoso	—	X	X	X	X	—	—	X	—
Castro de Sendim Felgueiras	—	X	X	X	X	—	—	X	—
Castro de Sendim Felgueiras	—	X	X	X	X	—	—	X	—
Castro da Retorta	X	—	X	X	X	—	X	X	—
Vila do Conde	—	X	X	X	X	—	X	X	—
Cidade de Ancora	—	4	4	4	4	—	3	1	4
Castro da Raposeira	—	4	4	4	4	—	3	1	4
Mangualde	3	10	13	13	13	2	10	1	11

Gráfico 1- Formato da superfície superior e da base dos cossoiros da Citânia de Briteiros

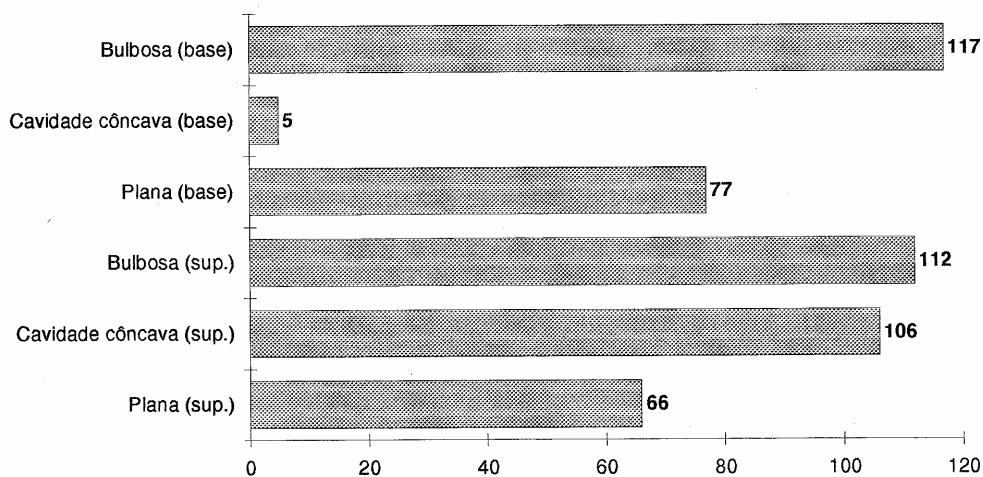


Gráfico 2 - Distribuição dos tipos de cossoiros da Citânia de Briteiros

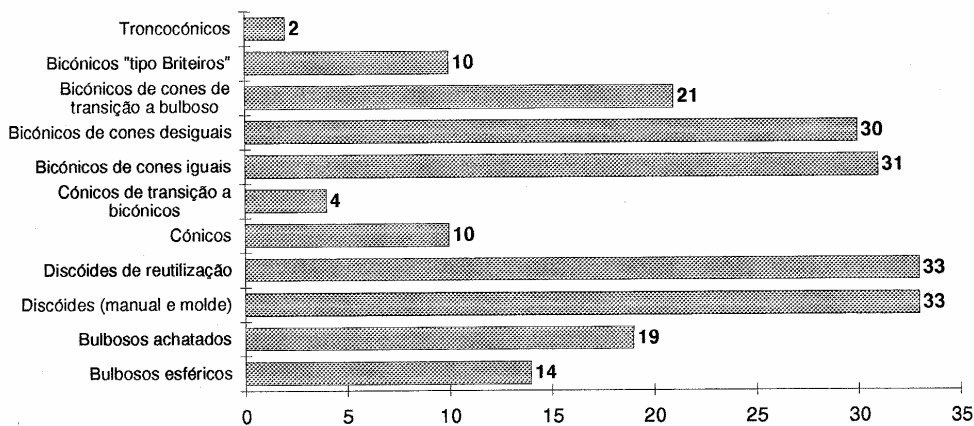




Gráfico 3 - Tipos de orifício e de fabrico dos cossoiros da Citânia de Briteiros

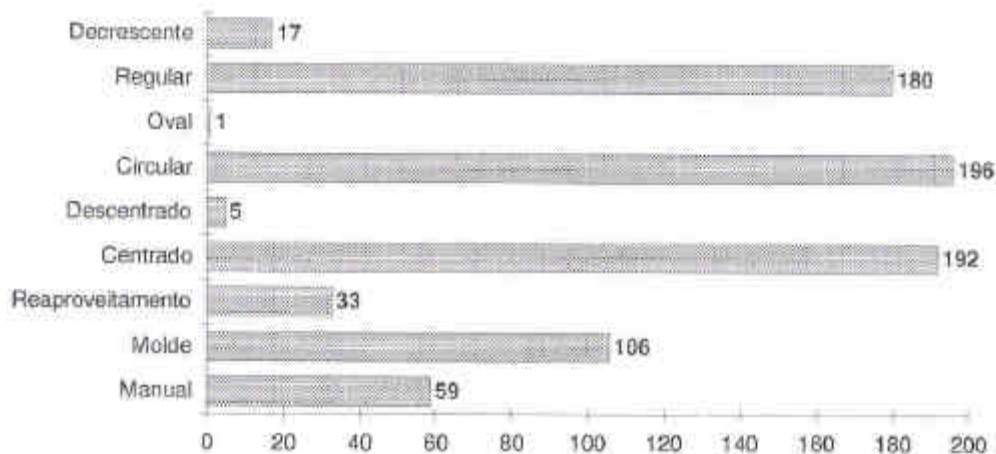


Gráfico 4 - Tipos de desengordurante, pasta e textura dos cossoiros da Citânia de Briteiros

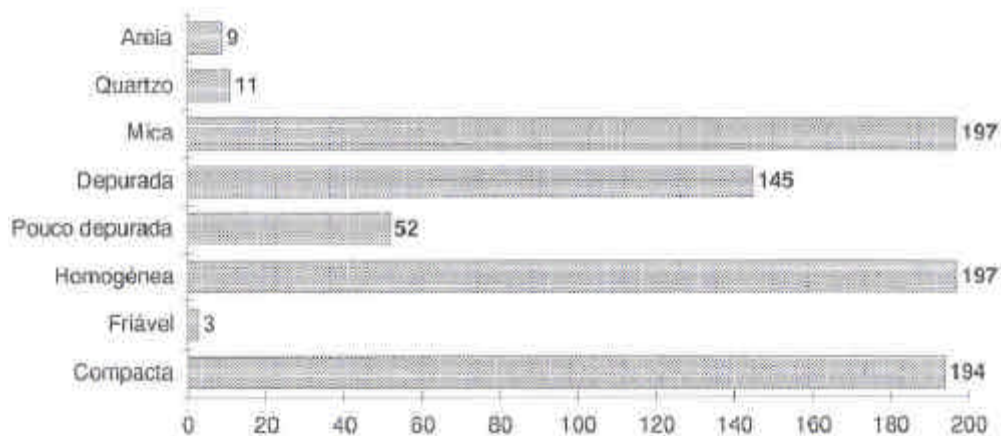
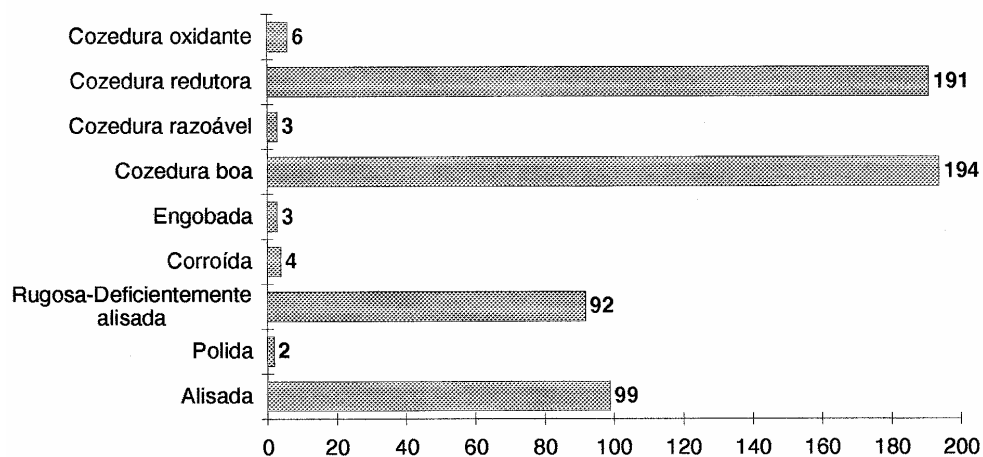


Gráfico 5 - Tipos e qualidade de cozedura e tipos de acabamento dos cossoiros da Citânia de Briteiros



Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge. (1983). *Portugal Romano*. Lisboa.
- CARDOZO, Mário. (1965). A fiação e a tecelagem na Antiguidade Peninsular. *Congresso Internacional de Etnografia (Santo Tirso)*, II, Lisboa.
- (1980). *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso: Notícia Descritiva*. Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães.
- DÉCHELETTE, J. (1914/1924). *Manuel d'Archéologie*. II, Paris, 1914; IV, Paris, 1924.
- JÚNIOR, J. R. dos Santos. (1952). O Castro de Sampaio (Vilariça). *Revista de Guimarães*, LXII, Guimarães.
- (1975). *Berrões Proto-Históricos no Nordeste de Portugal*. Dir. dos Assuntos Culturais, Lisboa.
- MARANÓN, J. G. (1935). Una interpretación acerca de los fusaiolos. *Boletín de Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, Valladolid, Tomo VIII-IX.
- PONTE, Salette da. (1978). Instrumentos de fiação, tecelagem e costura de Conimbriga. *Conimbriga*, XVIII, Coimbra, 133-146.
- SANTARÉM, Carlos M. Faya. (1955). O Castro do Monte Padrão - Campanhas de 1952-53-54. *O Concelho de Santo Tirso*, Boletim Cultural, III, nº 4, Porto, 955.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1986). *A Cultura Castreja no Nordeste de Portugal*. Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
- SILVA, Maria Antónia Dias da (1997). *A cerâmica castreja da Citânia de Briteiros*, Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães.
- SILVA, Maria de Fátima Matos da (1989). Estudo tipológico de cossoiros. I - Citânia de Sanfins, Castros de Moldes e de Santo António. *Revista de Ciências Históricas*, Universidade Portucalense, IV, Porto, 91-130.
- TAMUXE, Xoan Martinez. (1983). *Citania y Museu Arqueologico de Santa Tecla*. Servicio Central de Publicaciones de la Xunta de Galicia.

VIDAL Y LOPEZ, Manuel. (1952). Tipologia de las fusaiolas del Poblado Ibérico del
“Cerro de San Miguel” de Liria. Archivo de Préhistória Levantina, III, 147-154.